

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico.....	2
Título: Contrapartida de apoio às elétricas desagrada setor	2
Título: Destaques	3
Título: Petrobras tem prejuízo recorde de R\$ 48,5 bi.....	4
Título: Estatal faz alteração nas operações da Bacia de Santos.....	7
Título: Grupo Ultra vê início de melhora em combustíveis	8
Título: Coordenação do Estado chinês criou forças de mercado, diz ex-representante da Petrobras.....	10
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	12
Título: Petrobras tem prejuízo de R\$ 48,5 bi no trimestre	12
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	14
Título: Petrobras reavalia ativos e tem prejuízo de R\$ 48,5 bi no 1Q tri	14
VEÍCULO: O Globo	15
Título: Petrobras tem prejuízo de R\$ 48,5 bi no 1º tri	15
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	16
Título: Rombo de R\$ 48,5 bi na Petrobras	16

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 14/05/2020****Seção: Empresas****Autor: Rodrigo Polito — Do Rio****Título: Contrapartida de apoio às elétricas desagrada setor**

Os principais grupos de distribuição de energia do país reagiram a algumas contrapartidas em estudo pelo governo para o plano de apoio ao setor elétrico, previsto para ser anunciado até o fim desta semana. As companhias demonstram preocupação com o risco de desequilíbrio econômico-financeiro das concessionárias.

Sete grandes grupos de distribuição do país (Enel, Neoenergia, Energisa, Light, Equatorial, EDP e CPFL Energia) encaminharam carta esta semana ao Ministério de Minas e Energia (MME) manifestando preocupações sobre o tema, conforme informado inicialmente pela “MegaWhat”, plataforma de conteúdo especializada no setor de energia, e confirmado pelo **Valor**.

Uma das contrapartidas feitas pela pasta e que preocupa as distribuidoras é que o decreto de apoio ao setor exigirá, como condição para o acesso aos recursos, que as distribuidoras não façam pedidos de redução dos volumes contratados, limitem as distribuições de dividendos em caso de inadimplemento intrasetorial e renunciem ao direito de discutir essas questões em juízo ou em arbitragem.

Na carta, os grupos de distribuição afirmam que é essencial que qualquer previsão de renúncia ou limitação de direitos das distribuidoras seja expressamente condicionada à suficiência dos recursos que elas receberão do empréstimo coordenado pelo BNDES com o sindicato de bancos.

O **Valor** apurou que o governo prevê que o valor total do apoio ao setor deverá ser menor que os R\$ 17 bilhões previstos inicialmente. E que o custo financeiro será inferior ao adotado no empréstimo feito para socorrer as distribuidoras em 2014.

Na carta, as distribuidoras afirmam que o dispositivo que tratar da renúncia de discussão judicial precisaria expressamente prever que tal renúncia não é aplicável aos pleitos de recomposição do equilíbrio econômico-financeiro dessas empresas, pois o decreto deixaria a questão para ser tratada em momento futuro pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel).

As distribuidoras desejam inclusive que o ministério caracterize como evento extraordinário os efeitos da pandemia de covid-19 sobre o segmento de

distribuição e fixe prazo para que a Aneel defina critérios para a mensuração dos desequilíbrios daí resultante antes do fim do segundo trimestre de 2020.

“O decreto parece preocupar-se em assegurar um ambiente de certeza para os segmentos de geração e transmissão, enquanto parece negligenciar e subestimar as sérias e profundas incertezas que incidem sobre o segmento de distribuição”, dizem as empresas na carta, a qual o **Valor** teve acesso.

No documento, as distribuidoras indicam que um cenário “realista” para os impactos da crise são a redução do PIB de até 8% este ano, extensão da crise para 2021 e aumento da inadimplência dos consumidores.

“Em um momento tão notoriamente único como o atual, o setor elétrico não pode ficar refém de discussões que buscam negar os efeitos extraordinários da pandemia sobre as concessões de distribuição”, afirmam as empresas.

A Rege Consultoria, presidida por Tiago Correia, ex-diretor da Aneel, destacou em relatório a necessidade de atuação da agência na mediação de acordos entre os agentes regulados, para assegurar o equilíbrio econômico e financeiro das concessões. Com o agravamento da crise, a consultoria prevê uma queda do PIB este ano de 6,1%, com uma redução do consumo de energia de 7,9%.

Segundo o diretor-geral da Aneel, André Pepitone, a expectativa é que o decreto seja definido até hoje. “É o que o governo e o próprio **ministro Bento [Albuquerque, de Minas e Energia]** tem sinalizado publicamente. Esse decreto terá que estar pronto até sexta-feira”, disse ele, durante transmissão online promovida pelo BTG Pactual esta semana.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 15/05/2020

Seção: Empresas

Autor:

Título: Destaques

CSN tem perda de R\$ 1,3 bi

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) reportou ontem prejuízo líquido de R\$ 1,3 bilhão no primeiro trimestre, um forte aumento em relação à perda de R\$ 7,5 milhões apurada um ano atrás. O balanço foi afetado pela realização a resultado de hedge de fluxo de caixa e da ociosidade de equipamentos paralisados, que fez com que a conta de “outras receitas e despesas operacionais” atingisse o valor negativo de R\$ 666 milhões. A despesa financeira líquida passou de R\$ 635 milhões para R\$ 1,2 bilhão devido à desvalorização das

ações da Usiminas, que gerou perda sem efeito caixa de R\$ 962 milhões. A receita líquida caiu 11,2% no trimestre, a R\$ 5,3 bilhões. A produção de minério de ferro somou 5,9 milhões de toneladas no primeiro trimestre, 39% a menos. As vendas de aço subiram 2%, puxadas pela alta vista nas subsidiárias no exterior; no mercado interno caíram 5% e exportações recuaram 41%. O Ebitda somou R\$ 511 milhões, recuo de 66%. A alavancagem financeira atingiu 4,78 vezes. De acordo com a CSN, a alta é transitória, provocada pela forte variação cambial.

Lucro da Energisa salta

A Energisa encerrou o primeiro trimestre com lucro líquido atribuído aos controladores de R\$ 573 milhões, cifra 405% superior na comparação anual. Já o lucro consolidado do grupo foi de R\$ 581,7 milhões, 352% maior que o de um ano antes, impulsionado pelo registro contábil da marcação a mercado de um bônus de subscrição - sem esse efeito, haveria queda de 19,7%. Sobre impactos da pandemia nos resultados, a elétrica afirma que o crescimento mais “ameno” do mercado de suas distribuidoras, da ordem de 2,5%, foi parcialmente afetado pela crise.

Confiança em baixa

O índice de confiança dos empresários dos setores elétrico e eletrônico registrou 33,6 pontos neste mês, quase 20 pontos percentuais que o registrado há um ano, segundo dados da CNI agregados pela Abinee, associação que representa as empresas do setor. O índice varia de 0 a 100 pontos, sendo que valores acima de 50 pontos indicam confiança do empresariado e abaixo de 50 pontos, falta de confiança. Apesar de se manter no menor patamar de série histórica iniciada em 2010, na comparação com o mês de abril, a confiança dos empresários apresentou melhora de um ponto percentual.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 15/05/2020

Seção: Empresas

Autor: André Ramalho, Rodrigo Polito e Ivan Ryngelblum — Do Rio e de São Paulo

Título: Petrobras tem prejuízo recorde de R\$ 48,5 bi

A Petrobras surpreendeu o mercado, ontem, ao anunciar um prejuízo de R\$ 48,52 bilhões nos três primeiros meses de 2020 - o maior de sua história para

um trimestre. O resultado refletiu uma baixa contábil por perda no valor de ativos e investimentos (impairment) de R\$ 65,3 bilhões no período, em meio ao choque dos preços do petróleo no mercado internacional a partir de março. O pior resultado da companhia havia sido registrado, até então, no quarto trimestre de 2015, no valor de R\$ 36,94 bilhões, também puxado por baixas contábeis pela então gestão de Aldemir Bendine.

Depois de começar o ano reportando o maior lucro anual de sua história, de R\$ 40,1 bilhões em 2019, o cenário do mercado se inverteu. Com a queda abrupta dos preços do barril nos últimos meses, a estatal decidiu revisar todas as suas projeções de preço do petróleo para os próximos anos e, com isso, os fluxos de caixas de seus ativos. A baixa contábil se concentrou, sobretudo, nos campos produtores (R\$ 57,2 bilhões), tanto no pós-sal, nas concessões de Roncador, Marlim Sul e Albacora Leste, quanto no pré-sal, no polo Berbigão-Sururu, por exemplo. A Petrobras também fez um impairment de R\$ 6,625 bilhões devido à hibernação das 62 plataformas em águas rasas, que não têm perspectivas de retorno das operações.

A empresa reduziu de US\$ 65 para US\$ 50 a média da cotação do barril no longo prazo. A estatal acredita que a recuperação dos preços será lenta. A expectativa da petroleira é que o preço da commodity fique em torno de US\$ 25 o barril em 2020, US\$ 30 em 2021 e US\$ 35 em 2022. Em carta aos acionistas, o presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco, disse que, em relação à crise global de 2008 e 2009, o atual choque de preço é “de natureza diferente e mais poderoso”.

“A perda súbita de renda está acelerando a alavancagem financeira das famílias, empresas e governos, e as incertezas associadas à inexistência de uma vacina [contra o novo coronavírus], que só deverá estar disponível em 2021, e à persistência das tensões político comerciais entre EUA e China, país que exerce papel crítico na cadeia global de suprimentos, dificultam a recuperação vigorosa da economia global”, disse, na mensagem.

Castello Branco destacou que o prejuízo contábil da empresa no primeiro trimestre, no entanto, não afeta a saúde e a sustentabilidade da companhia. Ele destacou que a estatal chegou ao fim de março com saldo de caixa de US\$ 15,5 bilhões (R\$ 83,8 bilhões).

“No ambiente de incerteza prevalecente, decidimos por manter, durante a crise, saldo de caixa bem mais elevado do que anteriormente, o que no curto prazo

possui reflexo negativo sobre o retorno sobre capital empregado, mas que também não significa abandono da meta de maximizá-lo para criar valor ao longo do tempo”, disse.

No primeiro trimestre, a empresa registrou um crescimento de 6,5% nas receitas, ante igual período do ano passado, para R\$ 75,46 bilhões, mesmo tendo o preço do barril do petróleo recuado 20% na mesma base de comparação, para uma média de US\$ 50. O Ebitda (lucros antes de juros, impostos, depreciação e amortização) também subiu 36,4%, para R\$ 37,5 bilhões. O desempenho foi possível, em parte, graças ao aumento das exportações da companhia.

Para os próximos trimestres, contudo, o cenário é mais pessimista para os resultados da companhia. “A recessão global não chegou a impactar significativamente o desempenho da companhia no primeiro trimestre de 2020, devendo fazê-lo nos trimestres seguintes. Por exemplo, o fluxo de caixa livre foi de US\$ 5,9 bilhões, muito superior ao do mesmo trimestre de 2019, de US\$ 3,1 bilhões”, disse o executivo, na mensagem aos acionistas.

Do lado do endividamento, a companhia fechou o primeiro trimestre com um aumento de US\$ 2,1 bilhões na dívida bruta, em relação a dezembro de 2019. A empresa explicou que vinha conseguindo reduzir o tamanho de sua dívida nos dois primeiros meses do ano, mas que o movimento foi interrompido - e revertido - com o choque dos preços internacionais, que levou a petroleira a sacar US\$ 10,2 bilhões. O aumento do endividamento foi compensado parcialmente pelo pagamento de US\$ 5,5 bilhões no período.

A Petrobras esclareceu os acionistas que o crescimento da dívida no curto prazo não significa o abandono do objetivo estratégico de perseguir um endividamento bruto de US\$ 60 bilhões.

A estatal assumiu recentemente uma meta de chegar ao fim do ano com dívida bruta de US\$ 87 bilhões. Ao revisar suas métricas de endividamento, a petroleira abandonou a sua meta de desalavancagem, medida pela relação dívida líquida/Ebitda, de 1,5 vez ao fim de 2020. A empresa encerrou o primeiro trimestre com uma alavancagem de 2,73 vezes, ante o índice de 2,46 vezes registrado em dezembro de 2019.

Como parte das medidas para corte de custos, a Petrobras informou que 1,2 mil empregados se inscreveram, em abril, no programa de demissão voluntária (PDV) mais recente da companhia. A estatal estima que 3 mil pessoas deixarão a

empresa até o fim do ano, “sem contar adesões adicionais esperadas em maio e junho”. A Petrobras também anunciou, em março, um corte de 29% nos investimentos para 2020, para US\$ 8,5 bilhões. No primeiro trimestre, os aportes somaram US\$ 2,4 bilhões.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 15/05/2020

Seção: Empresas

Autor: Rodrigo Polito — Do Rio

Título: Estatal faz alteração nas operações da Bacia de Santos

A Petrobras vai aplicar a partir de junho um ajuste na lotação dos funcionários que trabalham embarcados nas plataformas da unidade de negócios da Bacia de Santos (UN-BS) e que passarão a ser lotados no Rio. Com a mudança, na prática, a companhia não arcará mais com os custos de deslocamentos dos funcionários até o aeroporto. Esse custo será dos próprios empregados. A medida faz parte da estratégia da empresa de reduzir custos, para enfrentar o atual cenário do setor petróleo.

“Alinhada às diretrizes de resiliência que vêm sendo adotadas pela companhia, necessárias para o enfrentamento das atuais condições de mercado, a Petrobras realizará, a partir de 1º de junho, um ajuste administrativo na lotação dos empregados que trabalham nas plataformas da Unidade de Negócios da Bacia de Santos e que, desde abril de 2018, já embarcam no aeroporto de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro”, informou a Petrobras, em nota, ao **Valor**.

O **Valor** apurou que a medida envolve cerca de 900 funcionários que trabalham embarcados nas plataformas. Desse grupo, 80% não moram na Baixada Santista.

“Com o ajuste, a Petrobras não arcará mais com os custos de deslocamento até o aeroporto”, completou a petroleira. Os custos evitados são relativos a horas extras, diárias e percurso. A empresa, porém, não informou o potencial de redução de custos com a medida.

Na prática, com a mudança, os empregados deverão se apresentar para embarque no aeroporto de Jacarepaguá por conta própria. O mesmo passará a valer para o desembarque do pessoal.

O **Valor** apurou que não há, até o momento, nenhuma indicação de mudança com relação aos funcionários que trabalham no prédio administrativo da Petrobras na cidade de Santos.

Segundo o Sindicato dos Petroleiros do Leste Paulista (Sindipetro-LP), a estatal tem interesse em transferir a base das atividades do pré-sal de Santos para o Rio de Janeiro, o que pode gerar demissões entre os prestadores de serviço.

As novas medidas de resiliência da Petrobras, diante do atual cenário de queda de preços e de demanda por petróleo, foram aprovadas em março e ampliadas em abril. Entre as medidas adotadas está a redução de US\$ 2 bilhões de gastos operacionais em 2020. A empresa também reduziu os investimentos previstos para este ano, de US\$ 12 bilhões para US\$ 8,5 bilhões. A meta da estatal é se readequar para sobreviver com preço do barril a US\$ 25.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 15/05/2020

Seção: Empresas

Autor: Stella Fontes — De São Paulo

Título: Grupo Ultra vê início de melhora em combustíveis

Depois da queda de 30% nos volumes de distribuição de combustíveis com o avanço da covid-19 no Brasil, a partir de meados de março, a Ultrapar, dona da Ipiranga, percebeu nos últimos dias alguma melhora na demanda. Ainda assim, o cenário permanece incerto e as projeções para os resultados em 2020, que caminhava para ser um ano de virada, foram suspensas apesar das indicações de desempenho positivo para quase todos os negócios do grupo no trimestre em curso.

Segundo o presidente do Ultra, Frederico Curado, todos os negócios - Ipiranga, Oxiteno, Ultragaz, Ultracargo e Extrafarma - apresentaram boa performance no primeiro trimestre, embora o resultado da distribuidora de combustíveis tenha sido pressionado pela abrupta desvalorização do petróleo, que gerou perdas de estoque da ordem de R\$ 100 milhões.

No período, o lucro consolidado de R\$ 169 milhões e o resultado antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) ajustado de R\$ 880 milhões vieram acima do esperado pelo mercado. “Tivemos um bom primeiro trimestre, em linha com as expectativas”, afirmou.

Até março, lembrou Curado, o grupo vinha com expectativa positiva para os resultados em 2020, mas, diante das incertezas quanto à evolução da economia pós-pandemia, optou por retirar as projeções. “Estamos conseguindo atravessar as dificuldades com resiliência e relativo sucesso”, observou o executivo.

Na distribuição de combustíveis, o segmento que mais sofre é o ciclo Otto (gasolina e etanol), devido às restrições de mobilidade urbana, com pressão nas

margens, particularmente do etanol. Num esforço para evitar que os revendedores saiam muito debilitados da crise, o grupo está prestando suporte à rede ao flexibilizar contratos ou, indiretamente, ajudando na obtenção de linhas de crédito para capital de giro. No fim de março, a Ipiranga, primeira a lançar um pacote de ajuda dessa natureza, contava com 7,1 mil postos.

De acordo com o diretor financeiro e diretor de relações com investidores da Ultrapar, André Pires, a ajuda aos revendedores foi possível graças às medidas de preservação de liquidez adotadas no início da crise e devem ser suficientes. Ao mesmo tempo em que cortou em 30% os investimentos previstos para 2020, para cerca de R\$ 1,2 bilhão, o grupo levantou R\$ 1,5 bilhão em novos recursos.

“É uma medida preventiva para termos tranquilidade e assegurar liquidez. Esse reforço de caixa foi fundamental para estabelecer um pacote amplo de ajuda a nossos parceiros na Ipiranga”, comentou Pires. Ao fim de março, o caixa disponível era de R\$ 7,2 bilhões. Entre ações sociais de ajuda ao combate da pandemia e iniciativas de apoio à cadeia de valor, o Ultra já destinou R\$ 23 milhões.

Conforme o diretor, no início da pandemia, a Ipiranga reduziu as operações de importação de petróleo, com vistas a melhor avaliar as oportunidades de mercado. As operações de trading foram retomadas, com os recentes anúncios de aumento de preço pela Petrobras e há mais oportunidades de arbitragem do que em abril. Ainda assim, parte do efeito negativo da desvalorização do óleo no estoque ficou para o 2º trimestre.

Na Oxiteno, braço de especialidades químicas do grupo, a tendência para o Ebitda é de crescimento na comparação anual. Segundo o executivo, a pandemia de covid-19 deve seguir afetando negativamente a demanda em segmentos específicos, como tintas e óleo e gás, mas há outros mercados que se mantêm aquecidos, como o agro. “O efeito positivo do câmbio e a resiliência da margem unitária em dólar trazem a perspectiva de crescimento do Ebitda.”

Na Ultragaz, para o trimestre em curso, há redução do volume de vendas no segmento granel, especialmente nas médias e pequenas empresas, e elevação na demanda do GLP envasado, com maior consumo nas residências. Diante disso, a tendência para os resultados permanece a mesma observada no primeiro trimestre.

Já na Ultracargo, a expansão da capacidade de armazenamento deve continuar dando suporte a “resultados consistentes”.

Em relação à Extrafarma, Curado comentou que 7% das lojas da rede estão fechadas, uma vez que funcionam em shoppings centers. “Mas a demanda vem

até superior à do ano passado nas lojas que estão abertas, o que confirma que a estratégia de fechamento de lojas com baixo desempenho vem dando resultado”, observou.

Sobre o interesse do grupo em refinarias da Petrobras, Curado afirmou que, embora uma eventual operação seja de longo prazo e os fundamentos positivos permaneçam válidos, o momento é de “grande dificuldade em enxergar o que vai acontecer”. “Vai levar alguns meses até que todos consigam enxergar melhor como as condições vão se estabilizar.”.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 15/05/2020

Seção: Eu & Fim de Semana

Autor: José Eduardo Barella

Título: Coordenação do Estado chinês criou forças de mercado, diz ex-representante da Petrobras

A diplomata e economista Tatiana Rosito, pesquisadora sênior do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri), acompanhou de perto o crescimento tecnológico da China, onde viveu por oito anos, primeiro como conselheira para assuntos econômicos da embaixada do Brasil em Pequim e, até o ano passado, como representante-chefe da Petrobras no país asiático. Segundo ela, a China caminha para brigar por áreas disruptivas de alta tecnologia, como a de inteligência artificial (IA).

Valor: *Quando a China decidiu brigar pela supremacia tecnológica digital?*

Tatiana Rosito: Antes do Xi Jinping assumir a Presidência, em 2013, os planos plurianuais chineses anteriores já faziam menção para a necessidade de o país impulsionar o desenvolvimento tecnológico. Em 2015 veio o Made in China 2025. Os documentos chineses não falam em supremacia tecnológica, e sim em “upgrade tecnológico e industrial”. O plano de investimento em inteligência artificial foi integrado depois. A partir daí, o Ocidente acordou, pois viu a China com o maior volume de comércio mundial e investindo pesado no exterior.

Valor: *A guerra comercial anunciada em 2018 por Donald Trump é uma resposta?*

Tatiana: Sim, mas a ideia surgiu com a Estratégia de Segurança Nacional de dezembro de 2017, um documento do governo elaborado por um staff grande. O documento citava a China e a Rússia como competidores estratégicos dos

Estados Unidos e antecipava a necessidade de tomar medidas na área comercial para evitar que a China continuasse a tomar mercados americanos. Ou seja, Trump não tirou a guerra comercial da cartola. Há grande consenso no establishment americano de que a China faz uma competição desleal. Vem da expectativa frustrada de que, quando aderiu à Organização Mundial do Comércio [OMC], em 2001, a China iria se transformar e competir - e também caminhar para um sistema político aberto. E tem alguns elementos que entram nisso: subsídios e a alegada transferência forçada de tecnologia - o que é questionável, porque havia interesse de empresas, não só americanas, de entrar no mercado chinês. Essa transferência foi aceita como parte de decisão de negócios.

Valor: *A pressão americana contra a tecnologia 5G da Huawei é defensável?*

Tatiana: Não, ela está servindo apenas para criar desinformação. Com a covid-19, a relação bilateral chegou ao pior momento, dando oportunidade aos falcões americanos aumentarem a pressão. A questão da tecnologia 5G da Huawei perde o foco da discussão: as redes 5G vão operar com softwares abertos, que vão definir a segurança, não importa a rede. O fato é que o mundo não é mais unipolar e tampouco bipolar - pois têm outros países que trazem benefícios. A globalização é centrada nos fluxos comerciais, e a China não quer ficar fora do sistema mundial. O governo chinês está tomando várias medidas para abrir a economia para investimentos e serviços financeiros, de bens de conteúdo tecnológico. Em algumas províncias, estão atribuindo a funcionários do alto escalão a responsabilidade pela produtividade de cadeias específicas. Também estão deixando de estipular metas de crescimento. O governo quer se concentrar na qualidade, e não na quantidade de crescimento.

Valor: *Isso pode levar a China a conseguir a dianteira em inovação tecnológica?*

Tatiana: Sem dúvida. Nos últimos anos, houve o amadurecimento de um ecossistema privado na área de alta tecnologia. Empresas privadas como Alibaba e Tencent surgiram mimetizando sistemas americanos, como Facebook, Amazon etc., com bastante liberdade de ação. O estabelecimento de empresas dinâmicas, com empreendedores privados, constitui uma imensa base de desenvolvimento científico e tecnológico, sobretudo em inteligência artificial (IA), com grande formação de engenheiros. Vale lembrar o que disse um dos maiores cientistas em IA, Kai-Fu Lee [empresário americano nascido em Taiwan, foi diretor do Google China]: não é preciso que a China tenha uma mudança de paradigma em inovação feita no país, como “machine learning”, por exemplo,

para ser um líder na era da IA. Segundo ele, a tecnologia de IA já está disponível, o salto já foi dado. O que precisa é de um papel indutor do Estado, que criou venture capital na área de IA nessa época, em 2015. O regime tem defeitos, mas conseguiu alinhar incentivos e criar forças de mercado, com o Estado coordenando, dando incentivos. Talvez o sucesso chinês na área tecnológica seja este: o de competir no nosso terreno.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 15/05/2020

Seção: Economia

Autor: DENISE LUNA, MARIANA DURÃO, WAGNER GOMES E FERNANDA NUNES

Título: Petrobrás tem prejuízo de R\$ 48,5 bi no trimestre

Resultado, afetado pela reavaliação de ativos, é o pior já registrado pela estatal no período

A Petrobrás encerrou o primeiro trimestre amargando um prejuízo de R\$ 48,5 bilhões, ante um ganho de R\$ 4 bilhões no mesmo período do ano passado. Foi o pior resultado em um trimestre na história da companhia. Três fatores contribuíram para o resultado negativo: a deterioração intensa dos preços do petróleo, perdas cambiais decorrentes da desvalorização do real frente ao dólar e a realização de impairments, isto é, a adequação do valor recuperável de seus ativos com o novo cenário global. O presidente da companhia, Roberto Castello Branco, menciona no balanço uma previsão de lenta recuperação da atividade econômica global e, conseqüentemente, da demanda por combustíveis.

A expectativa é que a Petrobrás seja mais afetada pelos efeitos da pandemia do novo coronavírus nos próximos trimestres. A retração da demanda fez o preço do petróleo despencar a partir de meados de março, chegando em abril na casa dos US\$ 30 por barril. A guerra de preços entre Rússia e Arábia Saudita, com a frustração das negociações para a redução da oferta também pesou na decisão de reavaliar a capacidade de recuperação econômica de seus ativos. Foram reconhecidas perdas de R\$ 65,3 bi no resultado de janeiro a março, em especial em campos de petróleo (R\$ 57,6 bi). “O prejuízo contábil em nada afeta a saúde e sustentabilidade da Petrobrás. Trata-se de situação bastante distinta da vivenciada em 2014-2015, quando a companhia enfrentava duas crises, uma financeira e outra moral, e a baixa de ativos refletia a vulnerabilidade da companhia”, disse Castello Branco em mensagem aos acionistas.

Desconsiderando a revisão de ativos, a empresa teria registrado um prejuízo de R\$ 4,6 bilhões no primeiro trimestre. Ainda assim, o resultado seria pior do que o ganho de R\$ 5,6 bilhões previsto por analistas do mercado financeiro, considerando a média das previsões de seis instituições financeiras consultadas

pelo Estadão/ Broadcast. “Embora o preço baixo justifique uma reavaliação do valor dos ativos, a desvalorização realizada pela gestão da Petrobrás (US\$ 13,5 bilhões) está muito acima do que foi feito pelas grandes petrolíferas do mundo. Entre as americanas e europeias, a maior foi o da Total num valor bem menor do que a da Petrobrás (US\$ 3,6 bi)”, disse Rodrigo Leão, coordenador técnico do Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo e Gás (Ineep). Apesar de ter fechado o trimestre no vermelho, a petroleira registrou alta de 6,5% na receita de vendas, para R\$ 75,5 bilhões. Os maiores volumes de exportação da Petrobrás têm ajudado a compensar em parte a redução da demanda e vendas no mercado doméstico.

No primeiro trimestre a empresa embarcou 1,03 milhão de barris de óleo equivalente por dia, um salto de 56,2% ante o intervalo de janeiro a março de 2019. Já o Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) ajustado da petroleira foi de R\$ 37,504 bilhões, frente os R\$ 27,4 bilhões no mesmo período do ano passado, o que significa alta de 36,4%. Para o analista Pedro Galdi, da Mirae Asset, o resultado pode ser considerado positivo pelas incertezas do cenário que abateu o mundo oriental em março com a pandemia da covid-19. “Vale destacar que a alta do dólar no período acabou ajudando na receita e Ebitda, mas não no resultado financeiro”, disse.

Cenário desafiador. A expectativa da companhia de enfrentar um cenário mais duro nos próximos trimestres é corroborada por especialistas do setor. “Certamente, o resultado do próximo trimestre será ainda pior, porque vai refletir o impacto cheio do efeito da pandemia na redução da demanda e, consequentemente no preço”, diz Helder Queiroz, ex-diretor da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) e professor do Grupo de Economia da Energia da UFRJ (GEE/UFRJ). Em relatório divulgado recentemente, o banco de investimentos UBS previu um cenário árduo para a empresa no trimestre de abril a junho. “Acreditamos que o resultado mais fraco no trimestre é apenas um primeiro sinal de um segundo trimestre bastante desafiador.”

O presidente da Petrobrás procurou reforçar o recado de que a estatal seguirá buscando a redução de custos, “um dos pilares de sua estratégia” que deve ser ainda mais urgente frente à crise global. O executivo afirmou que a meta da companhia este ano é reduzir os custos administrativos e operacionais em no mínimo US\$ 2 bilhões, assim como a estrutura de custos fixos. A estatal anunciou recentemente medidas como o corte de US\$ 3,5 bilhões de investimentos previstos para este ano, suspensão do pagamento de dividendos e bônus a executivos, redução de salários e renegociação de contratos com fornecedores.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data: 15/05/2020****Seção: Mercado****Autor: Nicola Pamplona****Título: Petrobras reavalia ativos e tem prejuízo de R\$ 48,5 bi no 1Q tri**

Rio de Janeiro - A Petrobras decidiu adequar o valor de seus ativos aos novos preços do petróleo e anunciou prejuízo de R\$ 48,5 bilhões no primeiro trimestre de 2020. O balanço, divulgado nesta quinta (14), fala em lenta recuperação da demanda e mudança de hábitos de consumo após a pandemia.

A revisão reduziu em R\$ 65,3 bilhões o valor de um conjunto de operações, principalmente campos petrolíferos, para adequar a previsão de receitas a um petróleo que oscilará nos próximos anos, segundo a companhia, entre US\$ 30 e US\$ 45 por barril.

Sem a revisão, a Petrobras teria registrado prejuízo de R\$ 4,6 bilhões, com impactos negativos da queda das cotações internacionais do petróleo e da desvalorização cambial. O presidente da estatal, Roberto Castello Branco, diz que a recessão não afetou significativamente o resultado.

“O prejuízo contábil em nada afeta a saúde e sustentabilidade da Petrobras”, escreveu o executivo em relatório divulgado nesta quinta. “Trata-se de situação bastante distinta da vivenciada em 2014-2015, quando a companhia enfrentava duas crises, uma financeira e outra moral.” Castello Branco justificou a revisão bilionária no valor dos ativos como uma medida para garantir transparência aos investidores. “Seguiremos em frente com um balanço mais aderente à realidade dos mercados e foco na geração de valor”, afirmou.

A empresa diz ter alterado seu conjunto de premissas macroeconômicas de planejamento, pois considera que haverá “uma lenta recuperação da demanda, com uma moderada mudança de hábitos em economias desenvolvidas”, que deve levar redução da demanda no longo prazo.

A mudança de hábito ocorrerá tanto entre os consumidores quando nas indústrias, que também reduzirão sua demanda, diz a Petrobras. Além disso, a empresa acredita que os elevados estoques de petróleo existentes no mundo retardarão o reequilíbrio entre oferta e demanda.

No fim de março, a estatal anunciou uma série de medidas para enfrentar a pandemia, como corte de investimentos e de produção, redução de salários e a suspensão de dividendos e dos bônus que seriam pagos a executivos pelo desempenho em 2019, quando a companhia lucrou R\$ 40,1 bilhões.

Para manter recursos em caixa, a estatal sacou linhas de crédito de US\$ 8 bilhões (R\$ 40 bilhões na época do saque), o que elevou em 2,4% sua dívida em dólares. Com a desvalorização cambial, a alta em reais foi de 36%, para R\$ 364,7 bilhões.

No primeiro trimestre, a receita foi de R\$ 75,4 bilhões, 6,5% maior do que a registrada no mesmo período do ano anterior, mas 7,7% menor do que a do quarto trimestre de 2019.

VEÍCULO: O Globo

Data: 15/05/2020

Seção: Economia

Autor: BRUNO ROSA E RAMONA ORDONEZ

Título: Petrobras tem prejuízo de R\$ 48,5 bi no 1º tri

Estatal tem a maior perda de sua história com baixa contábil de R\$ 65,3 bilhões. Operação é resultado da queda no preço do petróleo, que afeta as projeções de geração de caixa de diversos ativos. Companhia prevê retomada lenta da economia

A Petrobras registrou prejuízo de R\$ 48,523 bilhões no primeiro trimestre deste ano. Trata-se do pior resultado na história da companhia. O desempenho, motivado em grande parte por uma baixa contábil bilionária, surpreendeu o mercado. Até então, a maior perda em um trimestre havia sido de R\$ 36,9 bilhões no quarto trimestre de 2015, devido às investigações da Operação Lava-Jato.

Segundo a estatal, o resultado foi afetado pela baixa contábil de R\$ 65,3 bilhões (ou US\$ 13,4 bilhões) em campos de petróleo. A companhia explicou que a queda no preço do petróleo no mercado internacional derrubou a expectativa de geração de caixa futuro de diversos ativos. A estatal destacou a saída de produção de 62 plataformas de produção em águas rasas.

Em carta aos acionistas, o presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco, destacou que as baixas não têm efeito no caixa da empresa. “Consideramos que nosso forte compromisso com a transparência deva prevalecer sempre, e decidimos aplicar o teste o mais rapidamente possível contemplando um novo cenário de preços e taxas de câmbio”, disse a estatal. A mesma coisa foi feita pelas petroleiras estrangeiras em seus balanços. Mesmo sem a baixa contábil, a Petrobras teria tido perda no primeiro trimestre, mas de R\$ 4,6 bilhões.

DEMANDA POR COMBUSTÍVEL

Segundo a Petrobras, os impairments (baixas contábeis) levaram a estatal a registrar despesas de R\$ 75,616 bilhões, um aumento de 569% em relação ao mesmo período do ano passado. Os gastos também foram motivados pelo aumento do dólar e pelas maiores exportações.

O presidente da estatal disse reforçar “a disciplina na alocação do capital procedendo à completa revisão do port-fólio de projetos de exploração e produção de petróleo e gás para decidir os que serão efetivamente implementados em seu formato atual ou revisados num cenário de preços em lenta recuperação para um patamar estimado em US\$ 50 por barril”.

Castello Branco diz ainda que a recuperação da atividade econômica será lenta, assim como a demanda por combustíveis: “A perda súbita de renda está acelerando a alavancagem financeira das famílias, empresas e governos, e as incertezas associadas à inexistência de uma vacina, que só deverá estar disponível em 2021, e à persistência das tensões entre EUA e China”

Com o aumento da exportação de petróleo em janeiro e fevereiro, a receita de vendas chegou a R\$ 75,469 bilhões no primeiro trimestre. É uma alta de 6,5% em relação ao mesmo período do ano passado. Por outro lado houve queda de 7,7% na receita se comparar com o fim de 2019 por causa da menor venda de derivados como gasolina e diesel no mercado interno.

O prejuízo surpreendeu o mercado. Para Ian Arbetman, analista da Ativa Investimentos, o balanço dá um recado claro de que, diante do atual cenário, a companhia precisará encontrar outras soluções, como o aumento das exportações. Disse ainda que a capacidade de gerar fluxo de caixa foi reduzida: — A Petrobras tem desafios futuros com a nova dinâmica do mercado.

Para Pedro Galdi, da Mirae Asset, a baixa pode pesar no comportamento das ações hoje no mercado. Ontem, na expectativa dos resultados, os papéis ordinários (ON, com voto) e preferenciais (PN, sem voto) da estatal perderam, respectivamente, 2,43% e 1,08%. O Ibovespa (índice de referência da B3) avançou 1,59%, aos 79.010 pontos. O dólar caiu 1,39%, a R\$ 5,818, após duas atuações do Banco Central no mercado de câmbio.

(Colaborou Gabriel Martins)

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 15/05/2020

Seção: Economia

Autor: Simone Kafruni

Título: Rombo de R\$ 48,5 bi na Petrobras

A Petrobras anunciou ontem um prejuízo de R\$ 48,5 bilhões, no primeiro trimestre de 2020, conforme balanço divulgado ontem à noite, depois do fechamento do mercado. Um resultado negativo era esperado por causa pelo menos de três fatores: 1) petróleo registrando o pior trimestre da história, logo no início deste ano; 2) pandemia mundial do novo coronavírus, que derrubou a demanda por combustíveis no mercado interno; e 3) a guerra comercial entre Arábia Saudita e Rússia. Contudo, as perdas foram maiores do que as estimadas, porque a companhia decidiu fazer uma revisão — tecnicamente chamada de impairment — que reduziu em R\$ 65,3 bilhões o valor de um conjunto de operações, principalmente campos petrolíferos, para adequar a previsão de receitas ao novo preço do petróleo.

Segundo a empresa, o valor do barril vai oscilar entre US\$ 30 e US\$ 45 nos próximos anos. Sem a revisão, a Petrobras teria registrado um prejuízo de R\$ 4,6 bilhões, com impactos negativos da queda das cotações internacionais do petróleo e os efeitos da desvalorização cambial.

Assim, o prejuízo de R\$ 48,5 bilhões representou uma variação de -695% ante o lucro líquido de R\$ 8,1 bilhões registrado no último trimestre do ano passado. A perda sem o impairment, de R\$ 4,6 bilhões, representou variação negativa de 135,9% na comparação com o lucro recorrente de R\$ 12,9 bilhões do trimestre anterior. O lucro recorrente é o Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) ajustado, excluindo itens especiais.

“Registramos prejuízo de R\$ 48,5 bilhões no primeiro trimestre de 2020, principalmente devido ao impairment proveniente da revisão das nossas premissas de longo prazo para o petróleo frente ao novo cenário mundial. Nossos resultados também foram impactados pela queda do preço do barril Brent e pelas perdas com variação cambial decorrentes da forte desvalorização do real frente ao dólar. Estes fatores foram atenuados por maiores volumes de exportação, maiores margens nos derivados, menores despesas, incluindo gastos gerais e administrativos, exploratórios e tributários, bem como ganhos com hedge”, informou a companhia.

No balanço, a receita da empresa caiu 7,7% em relação ao quarto trimestre do ano passado, ao passar de R\$ 81,7 bilhões para R\$ 75,4 bilhões no primeiro trimestre do ano. O lucro bruto caiu 14,7%, de R\$ 37 bilhões para R\$ 31,6 bilhões, na mesma comparação.

Cortes

O presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco, em mensagem publicada com o balanço, informou que a companhia privilegiou a liquidez, sacando linhas de crédito compromissadas e postergando desembolsos de caixa, como os

relativos a salários de executivos, pagamentos de remuneração variável e da parcela restante de dividendos. “Cortamos US\$ 3,5 bilhões de investimentos previstos para este ano, hibernamos 62 plataformas operando em águas rasas que, diante de um cenário de preços baixos de petróleo, passaram a produzir sangria de caixa, e estamos renegociando contratos com grandes fornecedores visando à ampliação de prazos de pagamentos e redução de preços”, explicou.

Segundo ele, “o crescimento da dívida no curto prazo não significa o abandono do objetivo estratégico de perseguir um endividamento bruto de US\$ 60 bilhões”, disse Castello Branco.

MME / ASCOM .